



O burro carregado de sal

Fábulas clássicas e brasileiras

Silvana Salerno

Ilustrações Alexandre Rampazo



Texto © Silvana Salerno
Ilustração © Alexandre Rampazo

Diretor editorial Projeto gráfico, diagramação e capa
Marcelo Duarte *Alexandre Rampazo*

Diretora comercial Impressão
Patth Pachas *Eskenazi*

Diretora de projetos especiais
Tatiana Fulas

Coordenadora editorial
Vanessa Sayuri Sawada

Assistente editorial
Olívia Tavares

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Salerno, Silvana
O burro carregado de sal: Fábulas clássicas e brasileiras / Silvana Sa-
lerno; ilustração Alexandre Rampazo. – 1. ed. – São Paulo: Panda
Books, 2018. 64 pp. il.

ISBN 978-85-7888-707-0

I. Ficção infantojuvenil brasileira. I. Rampazo, Alexandre. II. Título.
Bibliotecária: Leandra Felix da Cruz – CRB-7/6135

18-50140

CDD: 028.5
CDU: 087.5

2018

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.



. Sumário

4 O poder da fábula

Fábulas de Esopo

10 A lebre e a tartaruga

13 O burro carregado de sal

16 A raposa e as uvas

19 O pastorzinho mentiroso

22 A cegonha e a raposa

Fábulas de La Fontaine

28 A menina do leite

31 O rato da cidade e o rato do campo

34 O moleiro, o menino e o burro

37 A galinha dos ovos de ouro

41 A assembleia dos ratos

Fábulas brasileiras

46 A onça, o cavalo, o boi e o macaco

49 A festa no céu

52 O bicho folharal

55 O gato e a onça-pintada

58 Como o carrapato conseguiu a
banana para o macaco

62 A autora

63 O ilustrador



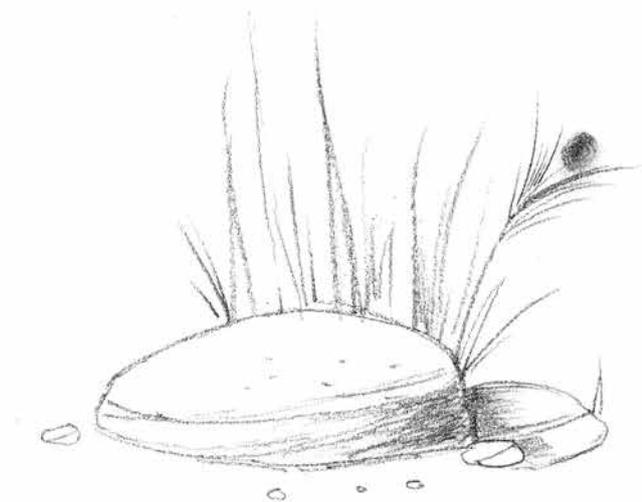
. O poder da fábula

As fábulas estão entre as histórias mais antigas que existem. Surgiram no Oriente e foram desenvolvidas por Esopo, um escravo grego considerado o pai das fábulas.

Esopo viveu no século VI a.C. Seu segundo senhor, o filósofo Xanto, encantou-se com sua cultura e o libertou. Apesar de haver poucos dados sobre a vida de Esopo, seu nome foi mencionado nas obras dos filósofos Platão (c. 428-348 a.C.) e Aristóteles (384-322 a.C.). Esse grande fabulista foi condenado à morte, pela acusação de algo que ele não fez: o roubo de um vaso de ouro do templo de Apolo.

As fábulas de Esopo são narrativas de origem oriental, simples e curtas, com ensinamento moral. Eram contadas em forma de verso e tornaram-se muito populares na Grécia Clássica, passando de geração a geração; faziam parte da tradição oral, assim como a *Ilíada* e a *Odisseia*, de Homero.

No século I, um escravo liberto chamado Fedro recontou em latim e com mais graça as histórias de Esopo e criou novas, satirizando os costumes e os políticos da época. Elas ficaram muito famosas, por isso mesmo seu autor foi exilado da Grécia, onde vivia, para a Itália.





As fábulas de Esopo que conhecemos foram reunidas pelo monge bizantino Maximus Planudes, no século XIV. Em 1668, o escritor francês Jean de La Fontaine revitalizou-as, com estilo elaborado. Sua coletânea reuniu duzentas e quarenta, incluindo as de Esopo, Fedro e outros autores orientais e europeus. Dedicadas ao filho de Luís XIV, as *Fábulas de La Fontaine* obtiveram imenso sucesso.

Os portugueses trouxeram essas histórias ao Brasil e aqui encontraram as fábulas indígenas, que, de modo geral, trazem ensinamento e transformação, mas sem lição de moral. Coletadas por antropólogos como Herbert Baldus, Nunes Pereira, os irmãos Villas-Bôas e Darcy Ribeiro, as histórias dos índios integraram-se à literatura popular brasileira.

Alguns contos indígenas se mesclaram a mitos europeus, originando novas histórias, brasileiras. É o caso da Iara, a índia que vive nos igarapés e atrai com seu canto os homens para o fundo das águas. Os indígenas possuíam o mito do Ipupiara, peixe com cabeça de homem que habitava os rios e do qual ninguém conseguia escapar. O mito grego da sereia, trazido pelos portugueses, mesclou-se à lenda do Ipupiara gerando a história da Iara.



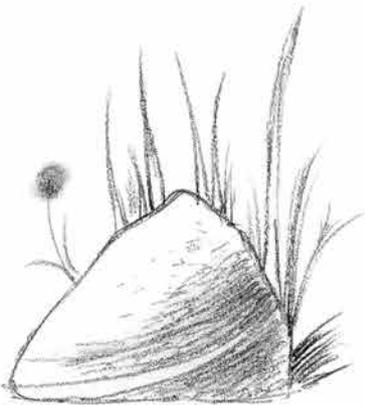


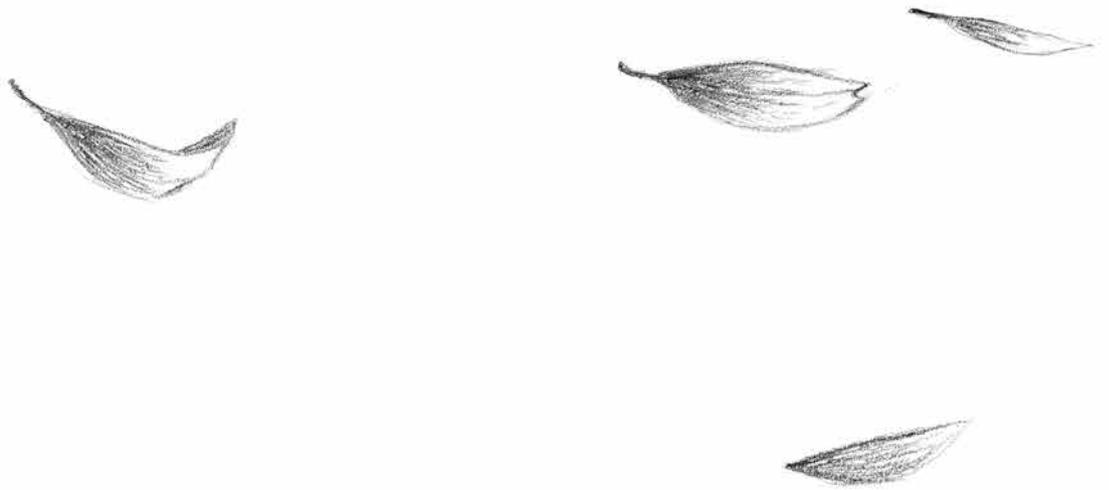
Muitas fábulas de origem indiana, como “A onça, o cavalo, o boi e o macaco” (originalmente denominada “O bem se paga com o bem”, que está no *Panchatantra*, obra do século III a.C.), chegaram ao Brasil pelos portugueses, já adaptadas, e aqui continuou a adaptação. Na Índia, os personagens eram a raposa, a serpente, a vaca e a árvore, que em Portugal e no Brasil viraram a onça, o cavalo, o boi e o macaco. Uma das fábulas mais populares no Brasil, “A festa no céu”, tem relato similar indiano; no Brasil e na América Latina, o sapo viaja escondido na viola do urubu, e no Oriente é uma tartaruga carregada por dois gansos.

Quando os africanos escravizados foram trazidos para o Brasil, a cultura era sua única bagagem. Eles trouxeram a religião, a música, a dança, a culinária, o artesanato e as fábulas. E suas histórias se uniram à cultura brasileira, enriquecendo-a.

Tão importantes são as fábulas que historiadores, críticos literários e escritores como Sílvio Romero, Mário de Andrade e Câmara Cascudo dedicaram grande parte de sua obra à reunião dessas histórias e à divulgação da literatura popular.

Vivenciadas por pessoas, ou por animais que fazem o papel do ser humano, as fábulas apresentam de forma direta suas qualidades e defeitos, causando reflexão. Quando o leitor jovem se vê retra-





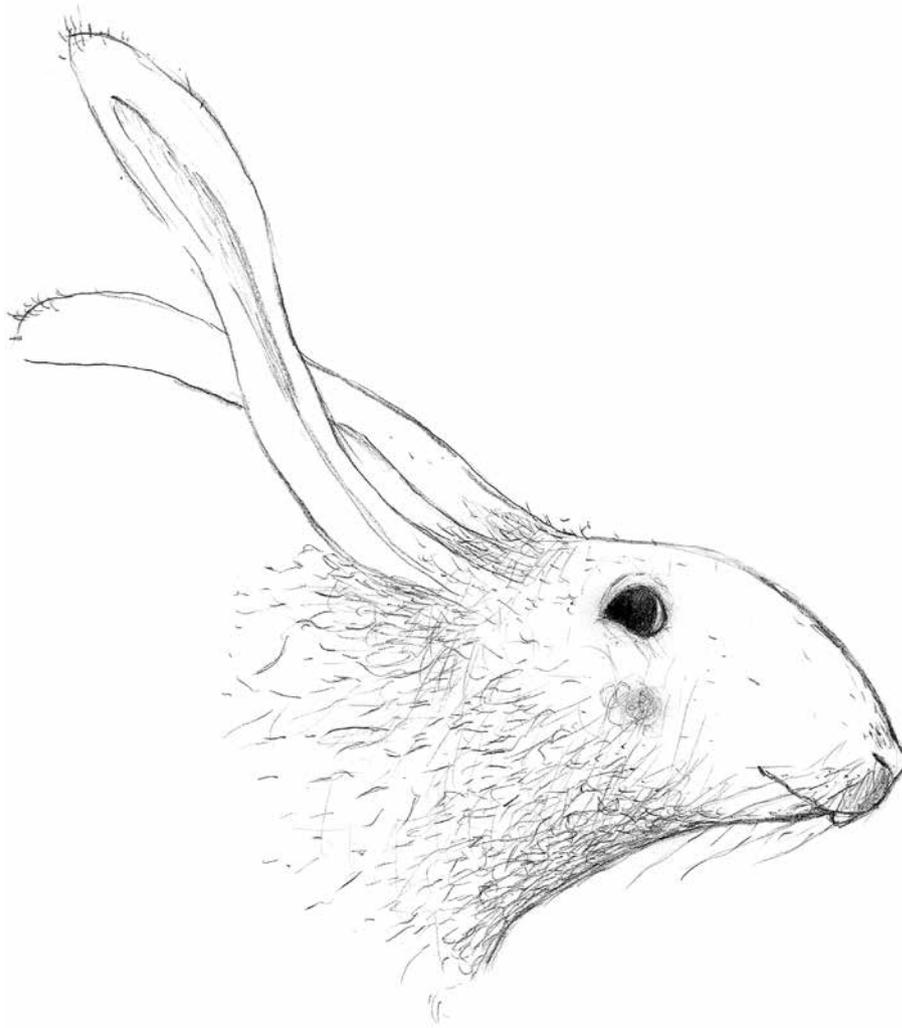
tado na história, aprende a reconhecer o sentimento do personagem em si próprio, o que desencadeia o processo de autoconhecimento que vai se desenvolvendo ao longo da vida. Por isso, as fábulas continuam vivas e marcantes.

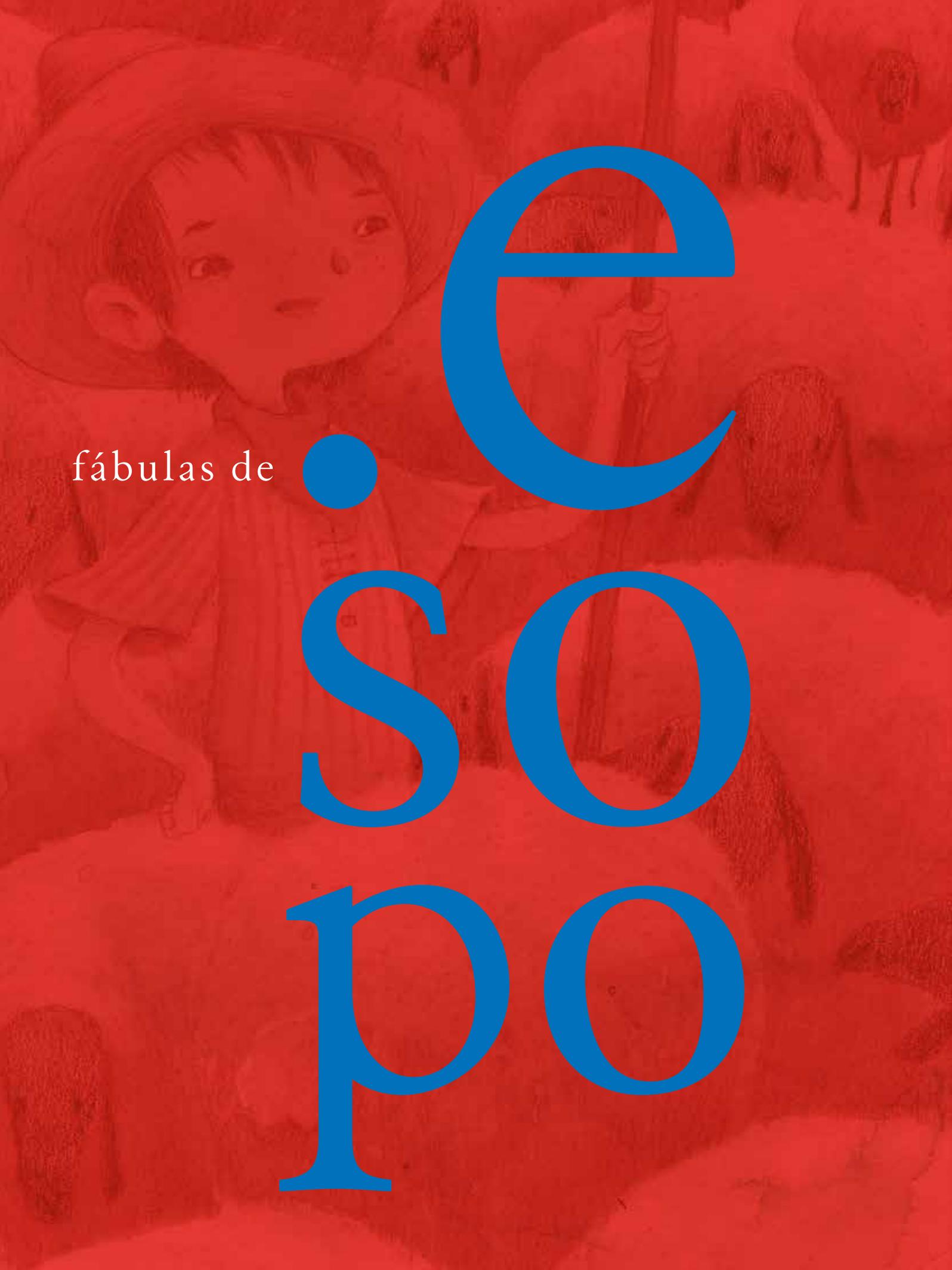
Neste livro apresento uma seleção de fábulas de Esopo e de La Fontaine, além de fábulas brasileiras, de origem indígena, europeia, oriental e africana.

Interessante é descobrir que as mesmas fábulas que foram do Oriente e da África para a Europa, como “A lebre e a tartaruga”, são contadas pelos indígenas; só os bichos mudam: a lebre é o veado e a tartaruga é o jabuti. “O bicho folharal” também encontrou história indígena idêntica: “Micura iauaretê” (“O gambá e a onça”, do tupi). Nas fábulas indígenas, o jabuti é o esperto; nos contos africanos e brasileiros, o macaco é o malandro; nas histórias europeias, a raposa e o lobo fazem esse papel.

Tudo isso demonstra que as fábulas e as mensagens que elas transmitem são universais. Vamos a elas!

Silvana Salerno





fábulas de

e
s
o
p

. A lebre e a tartaruga

A lebre era um dos bichos mais ágeis da floresta, não só porque corria rápido, mas porque também saltava. Um dia, ao ver a tartaruga andando naquele seu passinho lento, como se não visse nada do que acontecia à sua volta, a lebre não se conteve e fez uma brincadeira.

— Bom dia, comadre! Como vai?

— Vou bem, comadre, e você?

— Estou bem, obrigada. Gostaria de saber onde vai com tanta pressa — disse a lebre com ironia.

— Comadre lebre, estou cuidando do meu trabalho, que é levar comida para as minhas crias.

— Será que nesse passo a comida não vai chegar fria? — continuou brincando a lebre.

— Saiba que, como diz o ditado: “Devagar se vai ao longe” — respondeu a tartaruga sem alterar sua marcha.

— Já que é assim, comadre, que tal apostarmos uma corrida? — propôs a lebre, mais caçoadora do que nunca.

— Aceito — disse a tartaruga, para surpresa da lebre.

— Então está combinado! — disse a lebre. — Quando poderá ser?

— Vamos marcar para domingo, assim, todos os bichos poderão assistir — disse a tartaruga, muito segura.

Combinaram que a corrida começaria junto à grande figueira da floresta, às oito horas da manhã, e cada uma tomou seu caminho. A lebre saiu correndo, contando a novidade a todos os bichos que encontrava pelo caminho; a tartaruga contou apenas para os amigos e vizinhos.

Todos ficaram espantados. Como a tartaruga poderia vencer a lebre?



Era uma aposta tão maluca, que nenhum bicho queria perder. No domingo cedinho, pássaros, macacos, esquilos, porcos, cabras, coelhos, lebres, tartarugas e muitos outros animais estavam reunidos junto à figueira.

Pouco antes da hora marcada, o macaco se aproximou das corredoras e pediu que tomassem posição na linha de partida. Às oito horas em ponto, ele deu o guincho de largada.

A tartaruga apertou o passo, pois, afinal, aquilo era uma corrida, mas, em poucos minutos, a lebre já estava fora de vista. Ao perceber que logo terminaria a corrida, a lebre decidiu parar embaixo de uma árvore para ridicularizar a tartaruga.

— Vou tirar um cochilo — disse a lebre, vaidosa —, pois a tartaruga só vai passar por aqui amanhã.

Como a tartaruga demorou muito a aparecer, a lebre acabou adormecendo embaixo da sombra daquela árvore.

Depois de um tempão, despontou a tartaruga, devagar e sempre, e passou na frente da lebre, que continuava dormindo. E assim a tartaruga foi indo, em seu passinho lento e miúdo, rumo à linha de chegada.

A torcida acompanhava a tartaruga, incentivando-a. Os amigos da lebre não se preocuparam, porque acreditavam que a tartaruga não conseguiria terminar a corrida. Porém, quando se deram conta de que faltava pouco para a tartaruga chegar, foram correndo acordar a lebre. Ela despertou assustada e se levantou esbaforida. Saiu correndo, ainda cambaleando de sono, sem saber por onde ia, e deu tudo o que podia, mas o trecho era longo demais, e ela não conseguiu recuperar o tempo perdido.

A tartaruga cruzou a linha de chegada, sob os aplausos da bicharada. A lebre chegou depois, com a língua de fora e as orelhas murchas. Aconteceu o contrário do que ela esperava; em vez de a tartaruga ser ridicularizada, ela é que foi o alvo das zombarias e risadas.